CONFIDENCIAL

14.9.81

01/26

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
AGÊNCIA RIO DE JANEIRO
ENCAMINHAMENTO N.º 305/ 40 /ARJ/ 81.



SNI/ARJ
PROTOCOLO
ACE N.º 5107
16/09/81

DATA : 8 Set 81.
ASSUNTO : BREVE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO SIONISMO.
ORIGEM :
DIFUSÃO ANT.:
DIFUSÃO : AC/SNI. - SE-70(P/REGISTRO)
ANEXO : Documento com 25 folhas.

O documento anexo, elaborado pela ARJ/SNI, pretende dar uma clara visão do "sionismo" como uma ideologia imperialista, além de destacar a existência de grupos anti-sionistas entre os próprios judeus.

O referido estudo tem início nos tempos bíblicos e chega aos nossos dias apresentando a atuação do sionismo na PALESTINA.

° ° °

TODA E QUALQUER PESSOA QUE TOME CONHECIMENTO DE ASSUNTO SIGILOSO FICA, AUTOMATICAMENTE, RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DE SEU SIGILO.
(ART. 12 DO DEC. N.º 79099/77 - RSAS)

CONFIDENCIAL

BREVE INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO SIONISMO

O Sionismo como um fenômeno sócio-político, apresenta dois aspectos divergentes mas não necessariamente antagônicos. Assim, há que se considerar o sionismo profético, messiânico, que alicerça o judaismo e o sionismo político que é a base de uma ideologia motivadora de manifestação racistas e ambições hegemônicas regionais. Para melhor compreensão dos aspectos acima citados, mister se faz uma rápida digressão sobre a história do povo judeu e da conquista da Palestina pelos mesmos.

Israel, que já se chamou Canaã, e depois Palestina, teve o seu território ocupado por muitos conquistadores, mas só os judeus conseguiram a sua independência.

Há 3.500 anos, segundo a Bíblia, o povo hebreu, libertado do cativeiro egípcio, foi conduzido por Moisés, através do deserto do Sinai, até Canaã, onde já se instalara o patriarca Abraão, pai de Isaac, o qual, de acordo com as escrituras, deu origem aos judeus.

As tribos que viviam em Canaã, foram dizimadas ou assimiladas, em nome do deus étnico Yahveh.

E foi estabelecido o primeiro Estado judeu.

Agricultores tenazes e militares valorosos, foram os judeus, não obstante, ao longo da História, dominados pelas grandes potências da antiguidade: Assiria, Babilônia, Persia, Estados Helênicos e Império Romano.

Apezar da emigração de muitos habitantes de Canaã pelo mundo, grande número permaneceu ligado ao seu deus Yahveh e a seu santuário nacional, o templo de Jerusalém.

Após a conquista da Mesopotâmia pelos persas, Ciro permitiu que os judeus babilônicos, liderados por Esdras, retornassem a Jerusalém e reconstruissem o templo de Salomão.

Foi então que se estabeleceu o segundo Estado judeu.

No ano 70 de nossa era, o imperador Tito iniciou a Diáspora, isto é, a dispersão do povo judaico por todo o vasto Império Romano.

Enquanto o seu centro nacional lhes escapava, sua religião, alicerçada nas palavras de homens com singulares poderes de visão, os grandes profetas de Israel, havia feito de Yahveh o deus não mais de um povo, mas de todo o universo, construira uma ideologia que transcedia a fé dos seus antepassados ligada organicamente a uma pequena região do Mediterrâneo oriental, envolvida de elementos mágicos. A propositura de uma moral universalista e uma fé puritana, não escondia um acendrado retorno ao nacionalismo e ao ritual tradicionalista.

Um pequeno número de judeus permaneceu sempre na Palestina, mas no mundo mediterrâneo, tornado cristão sob Constantino no século IV, as populações da região se cristianizaram e a partir do século VII, foram atraídas para o Islamismo, que ganhou supremacia na Terra Prometida.

Os judeus não eram mais uma nação, mesmo composta de emigrados, mas uma cadeia de comunidades, cada vez mais concentradas, tratadas cada vez mais como centros de oposição enquistadas em diversas nações, ligadas unicamente por uma fé, por cerimônias e hábitos comuns. Muitos se converteram, ao longo da História, à religião dominante. Cristianismo ou Islamismo. Restava uma corrente pura, cultivando a fé dos ancestrais, sublimando sua humilhação cada vez mais acentuada, em aspirações messiânicas que comportavam o sonho de retorno para Sion (nome poético de Jerusalém).

Durante séculos, os judeus permaneceram dispersos pelo mundo, substituindo um país pelo outro, logo que as perseguições atingiam um ponto intolerável. Viveram na Alexandria cosmopolita, na Península Ibérica mulçumana, na Holanda comerciante, na França libertária, na Rússia despótica, etc... Ao fim das orações, auguravam-se saudosamente um novo encontro: "no ano que há de vir, em Jerusalém..." Era o sionismo messiânico, aquele que aceitava o milagre da devolução da Palestina aos judeus, como havia sido profetizado, com a vinda do Messias, o que recompensaria a penitência dos longos anos de Diáspora. Por duas vezes, como já foi dito, o Estado judeu foi estabelecido: o primeiro, pelos exilados do Egito; o se-

gundo pelos judeus babilônicos libertados por Ciro.

Para que se estabelecesse o terceiro, foi necessário não o advento do Messias, mas uma sucessão de ondas imigratórias das quais a primeira teve uma motivação idealista mas que ao final veio a se tornar essencialmente política, tal como as demais que a sucederam.

Em 1881, após a morte de Alexandre I, desencadearam-se "pogroms" na Rússia, o que motivou o início da imigração na Palestina por parte de judeus europeus-orientais, na sua maioria estudantes. Embora idealistas, tinham objetivos bem definidos: buscavam não o refúgio onde pudessem estudar e rezar sem ser molestados ou descansar depois de mortos em solo sagrado (como pretendiam os religiosos que para lá iam), mas construir, na Palestina, uma casa para a sua e demais gerações. Esta era uma das caracteristicas do movimento judaico: buscavam a Palestina, não para morrer, mas sim para viver, com a consciência de que só tendo por base a lavoura, era possível construir uma comunidade produtiva, ponto de partida para a renovação (em nível de povo e classe) que dezenove séculos haviam ensinado ser necessária.

Mas a inexperiência agrícola e uma série de fatores antagônicos, entre os quais os de ordem sócio-econômica, levaram ao malogro o programa colonizador, não obstante a criação de colônias, algumas com nomes muito significativos como "o primeiro de Sion", "O milagre de Sion", "O Guardião do Jordão" e vários outras e do fabuloso auxílio monetário do Barão Edmond de Rothschild que financiava a compra de terras, pagava especialistas em agricultura e administradores para os agrupamentos. Mas o problema básico, na época, a falta de mão-de-obra judaica, implicou na transformação do imigrado em empresário e todo o sentido do seu idealismo se perdeu.

Restou desta primeira tentativa uma lição: a colonização de Israel pelos judeus era possível, mas não por aquele método.

Em 1896, um jornalista judeu austríaco, de formação humanística alemã, Théodore Herzl, motivado pela onda de anti-semitismo que varria a Europa engolfada nos debates sobre o caso Dreyfus na

França e as novas perseguições na Rússia culminando com a expulsão dos judeus de Moscou, lançou em Paris um livro intitulado o "Estado Judeu", que serviu de base para a fundação da Organização Sionista, a qual realizou em 1897, em Bale, Suiça, o 1º Congresso Sionista. Estava criado assim o sionismo moderno, isto é, político. A motivação messiânica do retorno à "Eretz Israel" (Terra de Israel), como fora profetizada, foi substituída pela motivação política da criação do "Medinat Israel", o Estado de Israel.

Afirmam alguns historiadores, entre eles Walter Laqueur, no seu livro "Histoire du Sionisme", que a cultura alemã que lastreava a formação humanística de Herzl, inteiramente à parte do messianismo tradicionalista dos rabinos, permitiu-lhe a formulação da tese do Estado Judeu, assim como o judaismo austro-alemão, era o único judaismo europeu que se encontrava, na época, num estado de sensibilidade intelectual apropriado para acolher a idéia sionista: "muito integrado na cultura moderna, ao contrário dos miseráveis 'guetos' do Leste, para recuperar a idéia de nacionalidade, mas muito próximo ainda de suas origens, ao contrário de uma judiaria aburguesada à francesa, para reinvestir senão numa crença religiosa, pelo menos numa cultura separada".

Ao considerar o problema das comunidades judaicas dispersas pela Europa, embora possa parecer surpreendente para alguns, Theodore Herzl concordava com os anti-semitas quanto ao diagnóstico: os judeus europeus formavam um elemento inassimilado em sua grande parte e com o tempo, inassimilável. Apontava os não judeus como culpados pelo problema e alegava que seu povo só poderia aspirar uma vida nacional, se concentrado num território próprio e autônomo.

Herzl levou a sua proposição às mais importantes antecâmaras da Europa. Receberam-no o Kaiser, o rei da Itália, o Sultão da Turquia e até o Papa Pio X. A Inglaterra chegou mesmo a oferecer um território de sua propriedade em Uganda. Várias outras localizações foram propostas - inclusive os Estados Unidos. Ainda em 1905, uma importante facção sionista liderada por Israel Zangwill defen

dia a criação de um Estado Nacional disposta a aceitar o oferecimento da Inglaterra. Mas a meta do sionismo era ter o seu Estado instalado na Palestina, com capital em Jerusalém ("Eretz Israel" transformada na "Medinat Israel"), muito embora, nessa época, não fosse esse o pensamento unânime dos judeus. A isso se opunham os judeus de grande parte da Europa Oriental, onde eles formavam uma quase nação restringida a essa região, com cultura e língua próprias, o "idiche" e onde já ensaiavam um nacionalismo socializante, com a ideologia do Bund, partido socialista judeu do Império Russo. Se por um lado os socialistas do Bund propunham a manutenção dos valores judeus no seio dos próprios países em que se encontravam, por outro lado, certas alas ultra-ortodoxas afirmavam, como ainda o fazem hoje, ser iniquidade pretender reconstituir Israel por meios políticos, sem a intervenção evidente da Divindade, como rezam as profecias.

Herzl, matreira e sabiamente discordava de qualquer colonização desordenada ou mesmo contrária ao governo mandatário. Dizia ser sua meta erguer na Palestina um "lar nacional" para o povo judeu, que fosse assegurado pelo direito público. Não quebrava lanças por um Estado exclusivamente judeu na Palestina e recomendava a fraternidade e a cooperação com os árabes em uma pátria comum.

Enquanto Herzl tentava entrar em entendimento com o país mandatário da região, a Turquia, fundava-se em 1889 um banco (o Banco de Colonização Judaica) e um fundo especial para a compra de terras na Palestina (o Keren Kalemet de Israel). A missão principal do fundo era adquirir terras na Palestina, que pertencendo destarte a todo o povo judeu, não poderiam ser vendidas, mas apenas arrendadas aos lavradores, evitando assim futuras especulações e garantindo a colonização por meio da socialização da propriedade agrícola.

Para ocupar toda a Eretz Israel, objetivo final, que o sionismo político proclamava ter sido a terra que a Divindade destinara aos judeus, exaltaram-se os sentimentos messiânicos dos religiosos, as emoções dos textos bíblicos e as tradições existentes até entre

CONFIDENCIAL

judeus dejudaizados. A tudo isso juntou-se um novo "pogrom" na Rússia entre 1903 e 1905.

A partir daí, intensificou-se a imigração judaica para a Palestina. É de se notar, que a não ser em declarações destituídas de sinceridade, como os fatos posteriores vieram comprovar, o problema das populações radicadas há séculos na região, os árabes, nunca foi motivo de uma consideração séria por parte dos sionistas.

Apenas em 1905, no VII Congresso Sionista, por razões estratégicas, um de seus membros, Eptein, num discurso extraordinariamente premonitório, preconizou uma aliança com os árabes...

A nova onda imigratória provinda da Europa oriental era constituída na sua maioria de elementos das classes média e pobre, moldados dentro de uma visão proletário-camponesa. Frustrados como revolucionários em 1905, perseguidos como judeus em sucessivos "pogroms", deixaram de ser revolucionários judeus, para substantivando o adjetivo, constituirem-se em judeus revolucionários.

Como bem observa Walter Laqueur, "os novos imigrantes, militantes socialistas tiveram que superar a hostilidade dos seus rabinos ligados indissoluvelmente à maldição secular e de seus camaradas, presos ao dogma internacionalista do movimento operário. Eles levaram à Palestina o mito camponês da cultura russa, um populismo "toltoisado", um marxismo mais fraternal do que científico".

Essa onda imigratória deu assim características marcantes à colonização judaica da Palestina e forneceu líderes como o ex-presidente Ben Tzvi e o ex-primeiro ministro Ben Gurion. Estabeleceu-se um consenso: o trabalho colonizador deveria ser todo realizado por judeus, por duas razões: 1) apenas dessa maneira haveria uma verdadeira obra de colonização; 2) para criar uma autêntica cultura judaica na Palestina, teriam que firmar suas raízes no próprio solo.

As verbas destinadas à compra de terras só permitiam a fundação de pequenos agrupamentos, ensejando assim o surgimento de centenas de outros, o que implicava na ocupação efetiva de um espaço territorial cada vez maior.

O pensamento socialista que impregnava a mente dos colonizadores inspirou a criação da primeira Kvutzá em Degania (1909) com o

CONFIDENCIAL

apoio da Organização Sionista.

Os princípios estabelecidos para a Kvutzá, foram: 1) Não haveria trabalho assalariado; 2) o dinheiro não circularia internamente; 3) os dirigentes seriam os próprios dirigentes do grupo; 4) direitos iguais a homens e mulheres; 5) educação de responsabilidade da Kvutzá.

O plano do sionismo político continuava em franco desenvolvimento e o sentimento nacionalista tornava-se a cada dia mais exaltado. Embora Herzl houvesse sugerido que cada um falasse a sua língua, como na Federação Suiça, um estudante russo, Eliezer Ben Yeudá, decidiu falar e ensinar apenas o hebraico. Para tanto atualizou o vocabulário, modificou formas verbais e uma língua até então esquecida, quase morta, foi adotada pelos imigrantes e nela alfabetizaram os seus filhos. O hebraico tornou-se a língua viva e oficializada quando da criação do Estado de Israel.

Quando eclodiu a 1ª Guerra Mundial, Herzl já estava morto, mas a ofensiva sionista tinha então um novo líder: Chaim Weizmann, químico russo que se havia mudado para Manchester, na Inglaterra. A sua missão era obter a simpatia do Governo Britânico para com os desígnios da Organização Sionista. Em troca os sionistas mobilizariam os de sua raça, financistas, conselheiros presidenciais, editores e jornalistas, para em conjunto auxiliarem a Inglaterra a ganhar a guerra. Inteligentemente, Weizmann, se batia para o estabelecimento de um "Lar Judeu" na Palestina.

Em 2 de novembro de 1917, o sionismo político internacional, obtinha a sua primeira vitória concreta: a famosa carta do Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, Sir Arthur James Balfour, enviada ao Barão de Rothschild na qual, em nome do Governo de Sua Magestade, declarava: "O Governo de Sua Magestade favorece o estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu e utilizará seus melhores esforços para a consecução desse objetivo, ficando claramente entendido que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas na Palestina".

Em novembro de 1917, o Gen Allenby entrou em Jerusalém, à fren

te da Força Expedicionária Egípcia, que possuia entre os seus efetivos os homens da "Legião Judia", entre os quais o Tenente Jabotinsky que viria a ser o fundador do Movimento Sionista Revisionista. Chegara ao fim o domínio otomano sobre a Palestina.

Enquanto se observava o desenvolvimento da terceira onda imigratória, a Organização Sionista já preparara um plano para o "Lar Judeu" na Palestina, que foi apresentado e rejeitado na Conferência de Paz, em Paris, em 1919. O plano incluia o sul do Líbano e estabelecia uma fronteira oriental que chegava até às portas da pequena cidade de Amã, absorvia a faixa de Gaza e, no sul, incluia as cidades de Eliat e Akaba...

É interessante notar que o Sionismo Revisionista de Jabotinsky que pregava "um grande sionismo" e o imediato estabelecimento do Estado Judeu no "Eretz Israel", só realizou a sua Primeira Conferência em 1925...

A nova onda de imigração que após a Guerra Mundial se seguiu à segunda, com cerca de 25.000 pessoas, possuia uma ideologia nitidamente esquerdista e uma formação agrícola adquirida nos países de origem. As divergências políticas entre os já radicados e os recém chegados, motivou uma definição partidária, não obstante, se observar na prática um consenso tanto quanto à meta como quanto aos meios: buscar a realização nacional pelo trabalho agrícola.

Aos poucos foi sendo observado que as Kvutzá por serem muito pequenas (15 ou 20 membros) dado as verbas exíguas fornecidas pela Organização Sionista, que pretendia por esse meio evitar a contratação de estranhos e apoiar apenas as comunidades fundadas no auto trabalho, não eram suficientes para as necessidades individuais e coletivas dos pioneiros, já que não podiam receber novos imigrantes com outros ofícios indispensáveis a uma comunidade. Daí surgiu o "Kibutz" que difere da "Kvutzá" não só quantitativamente como também por permitir que coexistam em seus quadros pessoas de diferentes ofícios que não agrícolas, dando-lhes assim, maior autonomia.

Mas nem todos os imigrantes aceitavam a vida espartana do

"Kibutz", assim como os colonos da primeira onda, que continuaram enquanto puderam, utilizando a mão-de-obra assalariada, particularmente o árabe.

Criou-se então outro modelo de estabelecimento agrícola, o "moshav", cuja base era o cooperativismo de pequenas lavouras, onde cada um produzia para si, segundo as suas próprias idéias. As máquinas eram compradas pelos cooperadores que as utilizavam seguindo um sistema de rodízio pré-determinado. A venda da produção era feita por uma administração central, que procurava obter vantagens comuns. O auxílio mútuo, em caso de necessidade, era uma exigência prioritária do código de ética do "moshav".

A partir de 1924, teve início a quarta onda imigratória. 65000 judeus chegaram à Palestina em conseqüência do limite das quotas de imigração determinadas pelos Estados Unidos. A grande maioria era constituída de poloneses e entre eles um número considerável preferia as cidades aos campos. Alguns, com disponibilidade financeira própria, constituiram empresas, oficinas manufatureiras, indústria pesada e na agricultura o empirismo foi substituído por uma tecnologia avançada e um planejamento científico.

O choque de culturas entre árabes e judeus era inevitável. A partir daí, passou a ser feito abertamente o que vinha sendo feito em surdina. O árabe lutando contra um judeu que considerava invasor, opressor, racista e isolacionista e o judeu enfrentando um árabe que considerava de cultura inferior, bárbaro e intruso na terra que a Divindade lhe reservara.

Para uma melhor compreensão das lutas que têm caracterizado a conquista da Palestina quer a nível da confrontação árabe-israelense, quer a nível da política interna do sionismo antes e depois da fundação do Estado de Israel, mister se faz o traçado de um rápido esboço das principais figuras do sionismo moderno, assim como das organizações clandestinas de combate que atuaram na luta pela conquista da Terra Prometida. No início da colonização, para estabelecer meios de proteção contra os bandoleiros oriundos das tribus de beduinos nômades, que aterrorizavam os habitantes daquelas terras

desoladas, assaltando os viajantes nas estradas e atacando os seus povoados, os colonos judeus criaram uma milícia armada denominada "HASHOMER" (vigilância). Assemelhava-se essa milícia aos "vigilantes" americanos quando da conquista do seu "far-west". Em 1920, o Movimento Nacionalista Árabe, chefiado pelo "Mufti" de Jerusalém, Mohamed Said Hady El Husseini, desencadeou uma série de ações violentas contra a população judaica, o que ensejou a criação de uma organização paramilitar a "HAGANA" (Defesa), controlada pela ala majoritária da Agência Judaica, constituida pelos partidos trabalhistas que atuavam nos quadros da Confederação Geral dos Trabalhadores de Israel (HISTADRUT).

Muito embora a HAGANA tivesse as suas ações limitadas às operações de defesa, porquanto os líderes Weizman e Ben Gurion queriam evitar por todos os meios uma confrontação com o governo britânico que administrava a Palestina por mandato da Liga das Nações, os ingleses recusavam-se a permitir o funcionamento da organização de defesa judia, que os acusava omissos em coibir as violências anti-judáicas. Na clandestinidade, a HAGANA criou uma rede de contrabando de armas para os seus arsenais secretos, montou um serviço de informações que viria a ser o embrião de um dos melhores serviços secretos do mundo, o MOSSAD, e deu uma proteção mais eficaz às comunidades ameaçadas.

Os seus dirigentes, no entanto, motivados por uma politica de moderação para evitar atritos com a administração britânica, com a qual Weizman estava comprometido, terminaram dividindo as milícias judias em dois campos: um mais numeroso e identificado com os movimentos de esquerda, insistia na doutrina de defesa da HAGANA; o outro, minoritário, de tendência direitista e constituido em grande parte de elementos do Movimento Sionista Betar, fundado por Jabotinsky na Europa para preparar um novo tipo de cidadão judeu, defendia a tese de ações punitivas contra os árabes, a fim de desencorajá-los a hostilizar os judeus. Em 1931 houve uma cisão e foi criado um exército clandestino o IRGUM ZVAI LEUMI (ETZEL).

Os seus líderes pertenciam ao Movimento Sionista Revisionista,

que lutava por uma política mais agressiva para o estabelecimento do Estado Judeu e criticava as correntes do sionismo por terem aceito o plano britânico pelo qual as duas margens do rio Jordão seriam excluídas do território do prometido Lar Nacional Judaico. O "grande sionismo" de Jacobinsky, que há anos vinha sendo incutido na juventude judaica européia, principalmente na Polônia, através da doutrinação política do Movimento Sionista Betar, já contava com inúmeros adeptos em Eretz Israel e foram eles que criaram o Irgum, que nada mais era do que o braço armado do Betar.

O Movimento Sionista Revisionista era um movimento eminentemente político e em muitos pontos apresentava semelhanças com o nazismo: racismo, expansionismo; infiltração de elementos judeus em determinadas faixas territoriais, para posteriormente reclamar autonomia do bloco populacional adrede preparado; formação de milícias juvenis (Betar) que lembravam a juventude hitlerista; a conquista dos objetivos políticos pela força, etc.

Em 1925, Zeev Jabotinsky, nascido em Odessa em 1880, realizou em Paris, a Primeira Conferência do Movimento Sionista Revisionista. Jabotinsky, que confessa em sua autobiografia "nunca ter respirado em sua juventude uma atmosfera tradicional judia, não se apegava às motivações religiosas do judaismo tradicional". Todavia, as suas viagens ao exterior e o contato com intelectuais judeus como jornalista correspondente e periodista, e a constatação "in loco" das penosas condições em que vivia a maior parte das comunidades judias na Europa Oriental, levaram-no a declarar-se sionista, pela primeira vez em Berna, Suiça, quando, 37 anos antes de Hitler ordenar a "solução final", apontou a emigração em massa para a"Eretz Israel", como a última opção do povo judeu.

As repercussões do "affaire" Dreyfus, o "pogrom" de Kishniev em 1903, as manifestações anti-semitas em sua cidade natal, despertaram a sua consciência nacional judaica. Tornou-se militante do Movimento Sionista Mundial. Manteve violentos debates com todos os grupos que afirmavam que a revolução social traria consigo a solução do problema judeu. Para ele, a única saída era a que

propunha o Movimento Sionista.

Com grande talento e rara capacidade de organização, tornou-se o principal teórico e publicista do sionismo russo.

Em Helsinki, em 1906, por ocasião da Conferência das Comunidades Judias Russas, foi co-autor de um programa que já levantava a ponto do véu que encobria o seu objetivo final, o "Programa Helsingfors", que estabeleceu o princípio de autonomia cultural e nacional para todas as minorias nacionais, programa este que foi posteriormente adotado pelos países democratas da Europa nos quais existiam minorias.

Ao eclodir a Primeira Guerra Mundial, Jabotinsky defendeu uma tomada de posição por parte dos judeus ao lado da Inglaterra. Fez parte, no posto de tenente, da Legião Judia, que sob o comando do General Allemby entrou em Jerusalém, em 1917.

Após dar baixa do Exército Britânico, foi condenado a 15 anos de prisão por ter formado uma força clandestina para lutar contra os árabes em Jerusalém. Anistiado, viajou para Londres, para participar dos trabalhos da Comissão Executiva Sionista, chefiado por Chaim Weizman.

Começaram aí as divergências dentro do Movimento Sionista. Enquanto Weizman, apoiado pela Confederação Geral dos Trabalhadores de Israel (HISTADRUT), de orientação esquerdista, procurava manter uma política moderada que não tulmutuasse o trabalho para o estabelecimento do Estado de Israel e formava com Ben Gurion, o setor majoritário do Movimento, Jabotinsky, que liderava o setor minoritário, chamado "maximalista", de tendência direitista, falava de um "grande sionismo" que tinha como propósito imediato o estabelecimento de um Estado Judeu na "Eretz Israel". Afirmava que para se alcançar este objetivo, era preciso adotar uma política altiva e realista; deviam ser estabelecidas alianças determinadas pelos interesses do Movimento e era necessário criar uma força militar capaz de rechaçar qualquer agressão árabe.

Na Primeira Conferência do Sionismo Revisionista, ficou consignado: "A meta do Sionismo é a transformação gradual da Palestina

(incluída a Transjordânia) em um Estado judeu, sob os auspícios de uma maioria judaica... Toda outra interpretação do Sionismo deve ser considerada carente de valor..."

Paralelamente à criação de um instrumento político, fundou o Movimento Juvenil Brit Trumpeldor (Betar). Para ele a criação de um Estado Judeu, exigia a educação de um novo tipo de jovem judeu e o despertar da consciência de que o destino do povo estava nas mãos da juventude. A finalidade do Betar "é criar um tipo normal e são de cidadão judeu". Um dos seus princípios básicos, é o "Hadar", palavra hebraica que unindo conceitos de ética, estética e fidalguia, constitui uma expressão do orgulho nacional. "Já que todo homem é um príncipe e se a palavra 'aristocrata' tem algum sentido, o 'aristocrático' é aquele cujos ascendentes, geração após geração e ele mesmo, têm sido homens de cultura, capazes de compenetrarem-se em sublimes pensamentos e de adaptar sua vida a um ideal superior. Sendo assim, nós os judeus somos um dos povos mais aristocráticos da terra. Até a mais velha das dinastias não tem mais de vinte ou trinta gerações de vida cultural: nas raízes de toda árvore genealógica há um camponês medieval ou um bandoleiro vulgar. Cada judeu, em troca, tem uma ascendência de setenta gerações de homens que souberam ler e escrever, que discorriam acerca de Deus e da História; que se preocuparam com os ideais de Justiça e pelo futuro da Humanidade".

Jacobinsky sempre sustentou que a confrontação entre o Movimento Nacional árabe e o judeu era inevitável, argumentando que "nunca faremos nenhuma tentativa de expulsar ninguém" mas, diz, "inclusive os sionistas moderados (à exceção dos cegos de nascença), há muito compreenderam que não existem esperanças, nem as mais leves, de conseguir a aprovação dos árabes para transformar a Palestina num país com maioria judaica". Tornava-se, por isso, necessária a criação de um exército regular judeu, o levantamento de uma "muralha de ferro" para por detrás dela levar a cabo a ação sionista na "Eretz Israel".

A partir da divisão do movimento armado judeu em duas organi-

zações rivais, a controvérsia ideológica que cindira a comunidade judáica, passou a refletir mais claramente os seus dois pontos básicos: um de ordem tática, sobre o caráter ofensivo ou defensivo da luta; o outro de natureza política, a favor ou contra desmembramento (Jordania e Cisjordânia) da Transjordânia do território destinado aos judeus.

O núcleo do qual se originou o IRGUN ZVAÎ LEUMI era constituído de sionistas revisionistas, ligados ao BETAR, que não se identificavam com os partidos de tendência socialista, cujos membros constituiam a maioria no HAGANA. Esse grupo dissidente de tendência direitista, denominou-se HAGANA-BET e era encabeçado por David Raziel e Abraham Stern(codinome Yair).

O movimento armado judeu desenvolveu intenso trabalho clandestino, face ao incremento dos ataques armados empreendidos pelo Movimento Nacionalista Árabe, principalmente entre 1937 e 1939.

Enquanto o HAGANA mantinha a sua orientação defensiva, o IRGUN (ETZEL) lançava-se ao ataque, adotando uma política de "olho por olho" e "dente por dente", incursionava contra as aldeias muçulmanas, deixando sempre um rastro de destruição e morte. As atrocidades praticadas pelo IRGUN contra populações civis indefesas, começaram a torná-lo tristemente famoso.

Entrementes, a vitória do nazismo na Alemanha e o movimento anti-semita que recrudesceu em outros países através de grupos pró-nazistas, tornou insustentável a situação dos judeus na Europa. De 1933 a 1939, cerca de 240.000 imigrantes chegaram à Palestina, entre eles um número muito grande de profissionais liberais, além dos donos de capitais respeitáveis. Estes imigrantes que constituiram a quinta onda imigratória, desenvolveram Israel de maneira extraordinária, fazendo com que alcançasse uma nova era de prosperidade.

As cidades perderam a aparência de "shtetl" para se assemelharem às modernas urbes européias.

Surgiram empresas industriais de grande porte, organizadas segundo os modelos europeus e dirigidas por técnicos competentes. A

população urbana aumentou consideravelmente, principalmente em Tel Aviv e Haifa. A irrigação artificial foi incrementada e novos mananciais foram descobertos. Crescia em rítmo acelerado o Poder Nacional de Israel. Isso levou os ingleses, em 1939 a apresentar um "Livro Branco" que restringia a imigração de judeus em 75.000 até o ano de 1944. Em conseqüência da medida, os dirigentes sionistas criaram uma organização clandestina de imigração de judeus, a HAAPALA, cuja principal façanha foi a tentativa de introduzir quarenta e cinco mil judeus na Palestina, embarcados no navio Exodus.

Os sionistas desenvolveram um movimento de imigração clandestina através de uma frota de navios e pequenos barcos que desembarcavam os fugitivos do nazismo nas praias desertas do litoral. O IRGUN, que em Tel Aviv já fazia desfile aos sábados, ocultava as suas armas nos locais do Movimento BETAR e adotara um emblema representado por um fuzil que tinha como fundo um mapa de "Eretz Israel" que abarcava as duas margens do rio Jordão, cruzado pelo lema "Rak Kaj" (só assim), passou a empreender uma série de atentados contra funcionários e instituições do Governo Britânico.

Ao ingressar a Grã-Bretanha na Segunda Guerra Mundial, as duas organizações militares rivais judias declararam uma trégua na luta contra o mandato britânico na Palestina, oferecendo os seus serviços às potências aliadas.

Ben Gurion declarou: "Lutaremos contra o Livro Branco como se não houvesse guerra e combateremos na guerra, ao lado dos ingleses, como se não houvesse o Livro Branco".

Porém nem todos aceitaram a tese de que a luta pela expulsão dos britânicos devia ser interrompida enquanto perdurasse a guerra com a Alemanha.

Abraham Stern(codinome Yair) proclamava: "O inimigo é a Grã-Bretanha. Contra esse inimigo devemos combater numa guerra sem quartel, em todas as circunstâncias e em todas as situações".

Em 1940, um grupo por ele dirigido, retirou-se das fileiras do IRGUN para formar uma nova organização clandestina, o LEJI (Lojamei Jern Israel - Lutadores pela Liberdade de Israel), também co-

nhecido como "Bando Stern".

Este grupo desencadeou uma série de atos terroristas, entre e-les a explosão de um navio, ao largo da costa egípcia provocando a morte de dezenas de inocentes, na sua maioria árabes. O assassinato do Lord Mayne, Ministro de Estado britânico, no Cairo, criou uma onda de revolta entre os grupos militares rivais HAGANA e PALMAJ (Comandos noturnos) contra o IRGUN e o LEJI . O serviço secreto do HAGANA, o SHAI, denunciou às autoridades britânicas, inúmeros militantes do IRGUN.

Em 1943, assumiu o comando do IRGUN, Menahem Begin, 2 anos após a morte do seu primeiro comandante David Raziel, que tombou quando cumpria missão secreta do exército britânico.

Desde a infância, na Polônia, Begin começou a mostrar um forte pendor para a política. Foi membro de um movimento juvenil judeu, o HASHOMER HATZAIR, do qual afastou-se quando o mesmo adotou uma posição de apoio ao regime soviético. Aos 15 anos ingressou no Movimento Sionista BETAR do qual se tornou um dos seus maiores líderes. Em 1930 estreitou os laços de amizade com Jabotinsky, que perduraram até a morte deste. Atuando no BETAR, que como movimento de massas, às vésperas da Segunda Guerra contava com dezenas de milhares de aderentes, defendeu uma ação mais ativa do IRGUN em Eretz Israel e uma intensificação da luta contra os britânicos. Em 1939 foi nomeado Chefe do Betar na Polônia. Chegou à Palestina como soldado do exército polonês, sob o comando do General Anders.

A partir de 1944 o exército clandestino de Begin empreendeu mais de duzentos atentados terroristas, incluindo investidas contra acampamentos militares, assaltos a bancos, repartições públicas, sabotagem de ferrovias.

Posteriormente as diversas organizações, para fazer frente aos árabes palestinos que se organizavam em exércitos guerrilheiros a fim de obstar a criação do Estado de Israel e para hostilizar os britânicos que reforçavam os seus efetivos na Palestina com o intuito de impedir a reação judaica, passaram a agir sob um comando unificado: o "Movimento de Resistência Hebreia".

Foram sabotados aeroportos, destruídos aviões, assaltados quartéis e prisões para libertar prisioneiros, emboscadas patrulhas, efetuadas ações de comando noturnas em guarnições militares, o Hotel King David foi destruído num ato de sabotagem e mais um sem número de operações que abalaram e dividiram a opinião pública mundial, ao mesmo tempo em que exacerbava o sentimento nacionalista judeu em todos os quadrantes da terra.

Em novembro de 1947 a Assembléia Geral da ONU adotou em sua maior parte uma proposta devidamente avalisada pelos Estados Unidos e pela União Soviética, que visava dividir a Palestina em dois territórios - um árabe e outro judeu - além dos Lugares Santos, território considerado sagrado por ambos os contendores e por isso igualmente considerado neutro. A proposta da ONU foi aceita pela Agência Judaica, sob os protestos dos seguidores de Beguin, que defendiam, como defendem hoje, a posse territorial de todo Israel bíblico, enquanto a Liga Árabe, por seu lado, jurava fidelidade à causa dos árabes palestinos e desde àquela época, até hoje, se nega a aceitar a existência do Estado de Israel.

A Grã-Bretanha marcou a data de 15 de maio de 1948 para assinalar o fim do seu mandato.

No dia 14 de maio, enquanto o Alto Comissário Britânico deixava a Palestina, o Conselho Nacional Judaico e o Conselho Geral Sionista, às 16 horas, no Salão do Museu de Tel Aviv, por intermédio de David Ben Gurion anunciava para um reduzido número de convidados, que "nascia o Estado de Israel".

O primeiro país a reconhecer o novo Estado foi a União Soviética, então inimiga dos governos reacionários árabes e que hoje classifica Israel como instrumento do imperialismo...

Após a institucionalização do Estado de Israel, a rivalidade entre o IRGUN e o HAGANA reavivou-se e culminou com o incidente do navio "Altalena" que foi afundado por ordem de Ben Gurion, quando fazia um vultuoso transporte de armas para o IRGUN.

Finalmente, Beguin dissolveu o IRGUN, o HAGANA passou a ser o Exército de Israel, o SHAI, transformou-se no MOSSAD.

Hoje, os integrantes do IRGUN formam o partido HERUT que em coligação com outros compõem o LIKUD, partido político de Beguin.

O BETAR continua existindo e fazendo o proselitismo do Movimento Sionista Revisionista entre os jovens judeus de diversas nações, o que leva a crer que o IRGUN tenha elementos no exterior, agindo na clandestinidade, em operações especiais. O MOSSAD conta com um colaborador em potencial em cada judeu disperso pelo mundo e que se considera um cidadão de Israel.

Mas, materializado o sonho de fundação do Estado Judeu, a paz continua ainda uma meta distante para o povo de Israel, por motivos oriundos, em grande parte, da ideologia do sionismo político.

Ambições de hegemonia sobre todo o território que a Bíblia descreve como a Terra de Israel e até um pouco além desses limites, foram, são e serão sempre motivo de controvérsias entre as diversas correntes da opinião pública mundial e até mesmo entre as diversas facções que hoje dividem a população judaica no mundo, inclusive no seio do próprio Estado de Israel.

Os comunistas, os ultra-ortodoxos representados pelo Agudat Israel e grande número de judeus norte-americanos e europeus que não são religiosos (39% da atual população de Israel) ou do rito reformado, condenam a insânia expansionista do sionismo revisionista. Em janeiro de 1975, os judeus adeptos da seita "Naturei Karta", numa campanha no bairro Mea Sharin proclamaram que "preferem os palestinos aos sionistas" (O GLOBO - 14-1-75). Anteriormente, em 1973 em carta entregue ao Secretário Geral da ONU, Kurt Waldheim, declararam: "Queremos viver legalmente independentes das leis sionistas" (JB 29-8-73).

Em abril de 1978, os membros desta seita preparam uma delegação para enviar a Amã, com o objetivo de solicitar ao rei Hussein que concedesse a cidadania jordaniana a todos os seus membros e considerasse oficialmente o bairro onde habitam (Mea Sharin) uma "colônia" da Coroa hachemita na Palestina, a exemplo das implantadas por Israel, nos territórios árabes ocupados... (JB 12-4-78).

A intolerância religiosa que o sionismo impõe em Israel, em na

da se aproxima do judaismo que exige apenas o direito de livremente praticar a sua religião, como o faz em todas as nações do mundo democrático. O sionismo que é um movimento eminentemente político, procurando apoiar a sua ideologia em fundamentos da religiosidade que tem sido o traço de união entre todos aqueles adeptos do judaismo, torna-se intolerante e radicalista. O despacho telegráfico publicado pelo "O GLOBO" em 22-02-73, dispensa comentários:

"Jerusalém (ANSA - O GLOBO) - Uma comissão do Ministério do Interior israelense debaterá esta semana a adoção de medidas contra os missionários cristãos do movimento "Judeus com Jesus", informaram fontes autorizadas.

As autoridades israelenses estão alarmadas com o grande número de judeus que aderiram ao movimento e decidiram tomar medidas legais para expulsar os missionários do país.

Na semana passada, um grupo extremista incendiou a residência de um dos dirigentes do movimento "Judeus com Jesus".

O governo israelense pensa em propor uma medida proibindo a fixação no país de pessoas de origem judaica que crêm em outras religiões. O movimento "Judeus com Jesus" é composto, em sua maioria, por jovens de origem judaica que emigraram dos Estados Unidos e da Europa..."

O racismo é talvez o traço mais característico do sionismo político e apresenta várias facetas, muitas das quais refletindo na política do LIKUD, de Menagen Beguin, que é obrigado a fazer concessões às alas religiosas ultra-ortodoxas para manter no Knesset uma débil maioria.

Quando os sionistas desembarcaram na Palestina, não pretendiam partilhar os seus conhecimentos e cultura com os nativos. "Guiados por ideais como 'trabalho hebreu' e a 'conquista do solo', que implicavam que a redenção da terra de Israel e a 'regeneração do caráter judeu' só podiam ser alcançadas através de mão-de-obra 'puramente judia', os colonos estabeleceram instituições que adquiriram,

necessariamente, características militares, de vez que excluiam, quando não hostilizavam, por considerá-la bárbara e inferior, a população nativa.

O novo Estado promulgou a Lei do Retorno, assegurando o direito de qualquer judeu tornar-se cidadão de Israel ao desembarcar no país, enquanto negava igual direito a um palestino, ali nascido e criado, com gerações de ascendentes radicados na região...

Abba Eban, considerado um liberal, que participou das negociações que levaram à admissão de Israel na ONU, ex-Ministro do Exterior e membro do Parlamento israelense, afirma que o objetivo de Israel não é o da integração. "Muito ao contrário", ele assegura, "integração é algo a ser evitado". Afirma ainda Abba Eban, num livro publicado em 1957, expressando os seus temores em relação a judeus vindos dos países "orientais" que "seriam capazes de obrigar Israel a igualar o seu nível cultural pelo do mundo à volta".

O discriminalismo dos sionistas se faz sentir no Parlamento israelense, que não considerando o judeu negro um judeu puro, tem procurado dificultar a imigração daqueles de origem etíope, somali, etc. e os que ingressam, são reunidos e colocados em Nakab, ao sul de Israel, em guetos isolados.

Isto contraria a lei religiosa que diz que é judeu todo aquele que é filho de mãe judia ou convertida.

Os judeus europeus ou americanos, "ashkenazes", formam a elite do Estado de Israel e não se ombreiam com os "sefarditas", originários dos países árabes, a classe mais desfavorecida.

Em Israel, os colonos vindos da Europa não constituem mais a maioria. Os jovens lá nascidos e os judeus dos países orientais, frequentemente de língua árabe, os deixarão para trás. O quadro abaixo é uma amostragem bastante sugestiva:

IMIGRAÇÃO JUDAICA SEGUNDO O CONTINENTE DE ORIGEM

	América, Europa e Oceania	%	África e Ásia	%	S/cidadania	Total
1919 a 14/5/48	385.006	89,6	44.809	10,4	22.283	452.158
15/5/48 a 1951	334.971	50,3	360.456	49,7	18.774	684.201
1952 a 1954	11.187	21,9	39.978	79,1	28	51.193
1955 a 1957	49.630	31,0	110.714	69,0	617	160.961
1958 a 1960	46.503	64,0	25.879	36,0	11	72.393
1960 a 1962	37.357	35,3	68.681	64,7	6	106.044
1948 a 1962	479.648	45,4	575.708	54,6	19.436	1.074.702

Os sefarditas e os jovens formam hoje o que se chama o segundo Israel.

O governo liderado por Beguin para conseguir uma maioria de uma (!) cadeira, teve que fazer concessões aos grupos religiosos, mesmo ao Agudat Israel, ultra-ortodoxo, anti-sionista e que ficou com a presidência da comissão de finanças do Parlamento, que exigiu a adoção de leis compatíveis com a religião.

Foram ampliados os poderes dos tribunais rabínicos, modificação de lei do aborto, facilidades de isenção do serviço militar para as mulheres, proibição do proselitismo (que visa as missões católicas e protestantes) e, "last but not least", a modificação da Lei do Retorno, "levando o risco de privar, daqui por diante, dezenas de milhares de judeus americanos, da possibilidade de obterem a nacionalidade israelense. Importantes dirigentes da comunidade judaica americana, vendo seu judaismo assim questionado, ameaçaram romper com o Estado de Israel" (Amnon Kopeliouk - Le Monde Diplomatique).

O rabino Alexander Schindler, presidente da União das Comunidades Judaicas Americanas, fez ver ao Primeiro-Ministro de Israel, que a grande maioria da comunidade judaica americana é de rito conservador ou reformado e que a modificação da Lei do Retorno poderia vir a se tornar "o maior perigo que pesa sobre a unidade do povo judeu". O rabino condenou, também, os recentes bombardeios do

Líbano. É preciso que se considere que pensam da mesma forma que a americana, diversas comunidades judaicas na Europa e que Israel não pode dispensar o vultuoso auxílio financeiro que recebe das mesmas.

O sionismo que atualmente governa Israel tem o apoio do PNR (Partido Nacional Religioso) mas não o de todos os judeus religiosos, que o criticam, quando não o combatem.

Diz I.F. Stone, jornalista que atualmente escreve para o The New York Rewiew of Books: "Se os gregos invadissem a Palestina e ali estabelecessem um Estado greco-ortodoxo no qual os árabes e judeus se vissem, na prática, reduzidos a cidadãos de segunda classe, nós, judeus, nos sentiríamos em relação a esse Estado, como os árabes se sentem em relação a Israel."

"Israel tem o mesmo direito de existir que qualquer outra nação. Mas não há razão alguma para que os não judeus não gozem ali dos mesmos direitos que judeus e não judeus esperam em qualquer sociedade livre".

É flagrante o menoscabo do sionismo pelos Direitos Humanos. Esses Direitos só são invocados quando direta ou indiretamente possam servir de apoio ao sionismo revisionista que, sob a orientação de Menahen Beguin, vai a cada dia se tornando mais radical e totalitário.

Nas recentes eleições em Israel, o Partido Tehiya (Renovação), de tendência fascista, recentemente criado, e que prega o cancelamento do tratado de paz com o Egito e a anexação pura e simples de todos os territórios ocupados depois da Guerra dos Seis Dias em 1967, obteve três cadeiras no Parlamento.

O professor Youval Neeman alardeia que, por ele, o exército israelense teria "esvaziado", de uma vez por todas, a faixa de Gaza de seus habitantes palestinos (450.000).

Por ocasião da recente campanha eleitoral, Amnon Kapeliouk, do "Le Monde Diplomatique" tece o seguinte comentário:

"Com o desaparecimento do partido DASH, o poder perdeu um elemento moderado, o que faz temer daqui por diante um despontar de intransigência no conflito com os árabes e, em especial com os Pales-

tinos. O recrudescimento dos ataques ao Líbano, o criminoso bombardeio sobre Beirute, a resistência aos esforços americanos para obter um cessar fogo ficaram logo caracterizados. Tudo se passa como se o isolamento do Estado hebreu, a desaprovação unânime que suscitam suas intervenções mais recentes e, lógico, as dificuldades internas que se acumulam reforçassem a determinação do chefe de Likud de barrar o caminho a toda tentativa de acordo com os árabes baseada em um compromisso. "Recebi um mandato do povo para guardar Eretz Israel inteira", declarou Beguin após as eleições de 30 de junho.

É a reafirmação do sionismo revisionista maximalista de Zeev Jabotinsky...

"Eretz Israel (a terra de Israel) Ocidental está sob nosso total controle e jamais será dividida", afirmou Beguin, referindo-se aos territórios que vão desde o rio Jordão até o Mar Mediterrâneo, e que englobam Israel e a Cisjordânia, ocupada desde 1967. "Nenhuma parcela do nosso território será entregue a um domínio ou soberania". As declarações de Beguin - segundo os observadores - recordaram que o objetivo do primeiro-ministro continua sendo a total soberania de Israel sobre a Cisjordânia, o que exclui uma verdadeira autodeterminação das populações palestinas da Cisjordânia (Tribuna de Imprensa, 13-08-81).

O novo governo formado por Beguin exclui qualquer elemento centrista moderado. O novo Ministro da Defesa é Ariel Sharon, conhecido por sua brutalidade tanto na política como na batalha, sendo de se esperar que o mesmo desfeche uma impiedosa luta contra os palestinos e acelere a instalação de civis judeus na Cisjordânia ocupada. É quase certo que a política de linha-dura venha a se estender a outros setores do Governo.

Um destacado membro do Likud, Avraham Sharir, disse numa entrevista radiofônica: "Já é tempo de termos um confronto com os nossos amigos e inimigos sobre o modo como vemos a solução para o problema palestino. Aparentemente, os acordos não funcionam neste caso".

A propaganda pró-Israel, mantida pelo "loby" judaico na Améri-

ca, cuja principal organização a AIPACA (o seu orçamento ultrapassa três milhões de dólares anuais) tem forte influência no Congresso e na Imprensa dos EUA, procura modificar o quadro do "Instituto Gallup que aponta a desaprovação de 50% da população americana, entre os quais grande número de judeus, à política criminosa de Beguin no sul do Líbano.

Foram esses aspectos negativos que estão no cerne da ideologia sionista e que levaram em 1947 todas as nações afro-asiáticas com exceção da África do Sul, a votar contra a criação de um Estado judeu na Palestina na ONU, e que recentemente levou o Brasil a apoiar a ONU na condenação ao sionismo.

É válido citar aqui as palavras de A.M. El-Messiri, autor da "Enciclopédia de Conceitos e Terminologia Sionista: uma Visão Crítica".

"A condenação do sionismo tampouco implica qualquer condenação ao judaismo, que é uma questão de escolha religiosa, sem relação com qualquer terra. É fora de dúvida que os judeus têm laços religiosos e espirituais com uma terra que consideram santa, um sentimento comparável ao de muitos outros povos em relação a muitos outros países; mas esse sentimento é distinto de uma ideologia política que afirma o seu monopólio sobre um pedaço de terra e desaloja o seu povo.

Insistir em identificar o sionismo com o judaismo, é insistir em que todos os judeus são sionistas, e, por implicação, atribuir aos judeus atitudes políticas e lealdades 'eternas', sem levar em conta tempo e lugar.

Não é essa a essência do anti-semitismo, que coisifica o judeu, em vez de vê-lo como um ser humano normal, arraigado na sua história, que tem sua quota de vícios e virtudes, e que é capaz de esposar qualquer posição política ?

Os direitos civis dos judeus são 'sagrados', na medida em que são sagrados os direitos humanos, mas não há nada de intrisecamente sagrado ou profano em nenhuma ideologia

política, ainda que seja o sionismo, nem em nenhum Estado, ainda que seja Israel.

A condenação do sionismo como forma de racismo é a condenação de certos ideais políticos que os árabes consideram excludentes, e de uma certa prática política que consideram racista.

Reiterando: Nem todos os judeus são sionistas e nem todos os sionistas são judeus. É possível até espantar o leitor chamando atenção para o fato de que existem personalidades públicas e grupos não sionistas e até anti-sionistas no próprio Estado de Israel. Suas críticas ao sionismo são cada vez mais fundadas e radicais. Serão eles, também, amordaçados pelo epíteto de anti-semitas ?".

------- o -------